

## **ENSAIO SOBRE MOVIMENTAÇÕES, PERCEPÇÕES E SENTIMENTOS**

Luísa Dias Rosa de Oliveira (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS)<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente ensaio se propõe a apresentar a experiência da autora na participação no XI Congresso da ABRACE, mais especificamente dentro do Fórum de Pesquisas em Processo, compartilhando “O corpo em movimentos Negros: um processo poético e político de (re)construção de pertencimento e identidade racial”, pesquisa de mestrado iniciada no primeiro semestre de 2021, no Programa de Pós- Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, relacionada à linha de pesquisa “processos de criação cênica”.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Corpo integral; dança; movimentos negros; pertencimento e identidade racial; Escrivência.

### **RESUMEN**

El presente ensayo se propone presentar la experiencia de la autora en la participación en el XI Congreso de ABRACE, más específicamente dentro del Foro de Investigación en Proceso, compartiendo "El cuerpo en los movimientos negros: un proceso poético y político de (re)construcción de pertenencia e identidad racial", investigación de maestría iniciada en el primer semestre de 2021, en el Programa de Postgrado en Artes Escénicas de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul, relacionada con la línea de investigación "procesos de creación escénica".

### **PALABRAS-CLAVE**

Cuerpo integral; danza; movimientos negros; pertenencia e identidad racial; Escrivência.

Me proponho a apresentar, na coreografia dessas palavras, movimentações, percepções e sentimentos da experiência de participação no XI Congresso da ABRACE,

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas UFRGS e graduada no Curso de Licenciatura em Dança UFRGS. É integrante do Coletivo Corpo Negra. Trabalha como arte educadora na OSC Ação Encontro, ministrando aulas de dança e circo. Atualmente, é Professora de Artes no Ensino Fundamental no município de São Leopoldo. Propõem e integra projetos culturais em torno da história e cultura negra diaspórica.

dentro da modalidade Fórum de Pesquisas em Processo, na qual compartilhei as investidas iniciais da pesquisa “O corpo em movimentos Negros: um processo poético e político de (re)construção de pertencimento e identidade racial”.

Quem coreografa a escrita de tal experiência sou eu, Luísa, uma negra mulher artista-pesquisadora-arte-educadora que constantemente se encontra, através da arte, (re)construindo novas formas de ser, de estar e de fazer. Enquanto vivencio esse ensaio, sobre-vivo em uma pandemia que parece ter modificado até a naturalidade dos verbos, e que me estabelece maneiras outras de me relacionar com e através da arte. Sinto muita falta de viver a liberdade dos acontecimentos, das ações, dos estados e dos processos.

Em tempo, ou contratempo, o XI Congresso da ABRACE - Artes Cênicas e Direitos Humanos em Tempos de Pandemia e Pós-Pandemia, mesmo acontecendo de forma virtual, proporcionou a possibilidade de desfrutar de um espaço fértil de trocas, motivações e inspirações. Compartilho, a seguir, a experiência na ABRACE e como ela vem reverberando para a pesquisa.

### **ABRACE, ABRA, ABRAÇAR, AR**

Ao conhecer a programação da ABRACE, me senti convidada a inscrever meu trabalho no Fórum de Pesquisas em Processo. Seria uma boa oportunidade de estreitar minha participação no Congresso, dialogando com outros artistas-pesquisadores das artes cênicas, expandindo minha habilidade de comunicação sobre o que compõem minha pesquisa que, no período em questão não havia completado um mês de início. Senti que seria uma oportunidade, também, de criar mais apreço com o que venho me propondo a desenvolver.

No dia 16 de junho de 2021, às 18 horas, nos reunimos na sala 4, sob mediação de Alexandre Falcão de Araújo e com a comunicação dos pesquisadores Cassiano Weigert Fraga, com o trabalho AS VOZES D(N)A CRIAÇÃO: Decolonizar biografias como dispositivo-processo de uma criação teatral; Yasmin Coelho de Andrade, e o trabalho Jonggo-Funk: decolonialidade e tradições de matrizes africanas no ensino da arte; e eu, Luísa Dias Rosa de Oliveira, com o trabalho O corpo em movimentos Negros: um processo poético e político de (re)construção de pertencimento e identidade racial.

Um público pequeno em número, mas grandioso em participação, colaboração e soma, também compôs esse grupo. Eu, especificamente, contei com a presença especial

de Leandra Oliveira, amiga e colega do Coletivo Corpo Negra<sup>2</sup>; Lu Paludo, parceira orientadora; Paola Vasconcelos, colega das cenas; e Marcela Silvério, com quem criei laços através da ABRACE.

Cada artista-pesquisador teve liberdade para escolher a maneira pela qual seria apresentada sua pesquisa, respeitando o limite de 30 minutos para tal explanação. Em seguida se estabelecia entre autor, mediador, comunicadores e público presente, um espaço tempo de troca de sugestões, perguntas, referências em torno da pesquisa em questão.

*Para iniciar a fala desse momento, gostaria de saudar minha ancestralidade, pedir licença aos que vieram antes de mim e agradecer todos que mantem vivo esse legado deixado para nós<sup>3</sup>.* Assim iniciei minha comunicação, como forma de conexão, benção e respeito aos meus e às minhas. Um ritual palavreado que tem me acompanhado na vida, sobretudo em momentos que ocupo um espaço de pertencimento e lugar de fala perante outras pessoas.

Nas leituras que vêm fortalecendo meus intuitos, encontrei, no artigo de Celina Nunes de Alcântara, minha professora na pós-graduação e, como ela mesma se apresenta, “mulher, negra, atriz e professora de Teatro na Universidade” (2018, p.4), uma passagem que me emocionou e que trago para somar nesse ritual de conexão:

(...) É cada vez mais comum ouvirmos preceder as falas de mulheres e homens negras e negros, em contextos acadêmicos ou não, uma saudação aos seus mais velhos, presentes ou não, no momento do evento. Por certo, tal referência não é de modo algum exclusiva a uma fala negra, mas tem se feito notar sobretudo entre negros e negras que cultivam as religiosidades de matriz afro e em jovens intelectuais afro descendentes. Isso se dá porque, nesses atos, é recorrente uma atitude de respeito e reverência àqueles que simbolizam um legado, uma ascendência, uma tradição. Trata-se de um sinal, expresso na fala, de reconhecimento a uma herança ancestral que lhes habita (...) (ALCÂNTARA, 2018, p. 3).

Me apresentei, como sempre, autoafirmando e dando a ver o que me compõem e o que componho como preta mulher artista, assim, sem vírgulas ou entonação de separação. Em seguida tramei a comunicação, compartilhando as experiências individuais e coletivas que me guiaram e me acompanham nas minhas trajetórias, usando, como recurso visual, um Power Point construído e lapidado desde que iniciei

---

<sup>2</sup> Projeto de Extensão da UFRGS, que reúne mulheres negras da Graduação em Dança UFRGS para criação, reflexão e pesquisa em torno de questões políticas e artísticas da comunidade negra.

<sup>3</sup> As palavras citadas na ocasião de apresentação na ABRACE, bem como produções escritas por mim através de exercícios e processos criativos, serão destacadas no texto de forma itálica.

meus estudos no PPGAC/ UFRGS. Através desse recurso foi possível complementar a apresentação das etapas da minha pesquisa e como elas têm se articulado entre si.

## **A PESQUISA EM PROCESSO**

Iniciada no primeiro semestre de 2021/01, com a orientação da Profª Doutora Luciana Paludo, minha pesquisa de mestrado se desenvolve no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAC/ UFRGS), relacionada à linha de pesquisa “processos de criação cênica”.

Para romper e reverter com o processo de apagamento e desconexão com nossa ancestralidade, história e cultura, “precisamos nos tornar” sankofa<sup>4</sup>:

(...) um pássaro que se movimenta para frente, ao passo que mantém sua cabeça voltada para trás, num elo inquebrantável com a nossa história e a nossa linhagem, biológica e/ ou simbólica, a um só tempo comunitária e cósmica (...). (PETIT, 2015, p. 72).

Nesse sentido, através dessa pesquisa me proponho a colaborar no processo de (re)construção do pertencimento e identidade de pessoas negras, investigando o corpo integral que, ao se relacionar aos movimentos negros, conceito operatório que venho redimensionando, vivencia a (re)conexão com a história e cultura negra diaspórica. Apresento, a seguir, referenciais teóricos com os quais venho dialogando para desenvolver as ideias e a escrita da pesquisa:

A ideia de pertencimento parte do pensamento de Andrade, que entende que:

(...) o sentimento de pertença dos negros ao mundo africano, de maneira que o seu sentimento de pertença seja o motivo de engajamento na luta por respeito e dignidade, prejudicados pelas construções de ideologias que lhe negam sua História, suas culturas e identidades (ANDRADE, 2006. p.47).

Para pensar identidade, trago como referência os estudos de Stuart Hall que chama atenção para o fato de cada pessoa assumir uma mobilidade da sua identidade. Essa identidade que não se fixa a um “eu que permanece, sempre e já, ‘o mesmo’, idêntico a si mesmo ao longo do tempo” (HALL, 2006, p. 108) e que muda conforme suas relações com as pessoas, tempo e espaço.

O corpo integral se ancora no pensamento de Sandra Petit (2015) e nas contribuições dos Indicadores de Qualidade na Educação - Relações Raciais na Escola

---

<sup>4</sup> Sankofa, parte de um conjunto de ideogramas tradicionais da cultura acã em Gana chamados adinkra

(2013), que consideram o corpo uma fonte integral e primeira de conhecimento e saberes, sem separá-lo da mente que, em uma lógica ocidental, considera o corpo subserviente ao cérebro, este último recebendo a responsabilidade pela razão e inteligência.

Já ao me referir a movimentos negros, penso em um corpo negro integral que, em movimento de mudanças, buscas, compreensões e experiências plurais e singulares, versa sentidos de ações poéticas (nas diversas formas de expressão e manifestação da corporeidade negra: dança, capoeira, toque do instrumento, teatro, contação de histórias, etc.) e políticas (em uma organização de pessoas negras que articulam pautas e reivindicam direitos de acesso ao mercado de trabalho, sistema educacionais, político, social e cultural).

São importantes para esse trabalho as contribuições de: Mestre Iara Deodoro<sup>5</sup> e sua Metodologia de Dança Afro-Gaúcha, Sandra Petit e o referencial teórico-metodológico “Pretagogia”, Abdias do Nascimento e Stuart Hall. Também se busca amparo conceitual no texto da Lei nº 10.639/2003 e demais textos que possam conferir respaldo ao intuito da pesquisa.

Considerando a questão central, a pesquisa tem como condução a metodologia qualitativa e em procedimentos de pesquisa em arte. Dessa maneira pretende se distribuir nos seguintes desdobramentos, os quais se articularão entre si. Inicialmente, portanto, na fase atual da pesquisa, tenho realizado um levantamento, consulta e revisão de referenciais teóricos, bem como dos artistas pesquisadores que se dedicam ao estudo de assuntos que tangenciam a pesquisa, de modo a expandir o panorama de reflexão e análise do estudo.

A fase seguinte, nos procedimentos da pesquisa, estará destinada à realização de seleção de um grupo/coletivo composto de participantes negros (Porto Alegre e/ou região metropolitana- RS), que tenha nas suas proposições, envolvimento com arte e cultura. Em uma abordagem de investigação ancorada nas percepções da estudiosa Narcimária Luz (1998), me envolverei nos encontros do grupo/coletivo, adentrando o espaço com respeito e participando das propostas junto dos demais integrantes, meus pares.

---

<sup>5</sup> Mestre Iara Deodoro, coreógrafa e diretora de dança do grupo de Música e Dança Afro-Sul de Porto Alegre/RS. Coordenadora do Instituto Sociocultural Afro-sul Odomode.

(...) ao contrário, de quem se situa apenas na exterioridade, como mero visitante, alguém que não estabelece laços consigo, com sua própria afrodescendência e daí não se encontra no outro afrodescendente (...) Luz preconiza uma abordagem de investigação "desde dentro", pois "se o outro é colocado como objeto, como podemos conhecê-lo como sujeito? A deformação que existe é que não se trata de estudar essa população como objeto de ciência, e sim a sua cultura e seu complexo sistema civilizatório como fonte de sabedoria" (1998, p.155). (PETIT, 2015, p. 147)

Acredito que o conjunto desses procedimentos darão suporte para as minhas ações de proposições artísticas para esse grupo, de modo que se possa contribuir com os processos de reconstrução do pertencimento e das identidades raciais das (os) integrantes. Nesse sentido, me dedicarei a propor experiências em movimentos negros, passando por atividades formativas que nos conduzirão a um processo de criação cênica.

Por fim, se reconhece o empenho desta pesquisa, no que diz respeito à legitimação da produção negra de conhecimento, empírico e acadêmico – o que colaborará com a ampliação das possibilidades afroreferenciadas de pesquisar, fazer, criar e compartilhar as artes da cena.

### **MOVIMENTAÇÕES, PERCEPÇÕES E SENTIMENTOS**

Nesta parte do texto retomarei, em especial, uma das perguntas apresentadas pelo público presente no Fórum de Pesquisas em Processo que integrei, em que fui convidada a contar como, nesse processo de “pesquisa-vida-dança”, tenho descoberto motivações e caminhos poéticos que possam dar corpo à minha escrita, desenhando sua identidade.

Compartilhei, como retorno da questão, as experiências em cursos, trocas com coletividades, imersão em processos solo e vivência nas disciplinas do PPGAC UFRGS, de onde tenho me imbuído de inspirações e me encorajando a vivenciar a potência da poética, incluindo a liberdade da escrita e a imersão em seus processos!

Para seguir cultivando essa semente plantada no bate-papo da ABRACE, trago, para esse ensaio, como Conceição Evaristo e a Escrivivência têm inspirado alguns de meus processos de criação, em que a escrita atuou como movimento de liberdade, expressão e coragem.

Começo partilhando trechos do meu primeiro exercício de escrita no mestrado, composto na disciplina de Estudos Avançados em Artes Cênicas, regido por Lu Paludo. Para compor a atmosfera poética tivemos, como sugestão de leitura, o texto “Caindo na

Memória”, de Ann Cooper Albright e, partindo desse disparador, transformamos um documento editável em experimento de ação coletiva de escrita, onde cada aluna (e) (o) contribuiu com citações, poemas, links e arquivos que teceram suas sensações e pensamentos sobre a queda e a memória. A seguir, compartilho um poema que escrevi.

***O que das quedas acreditar?***

*Eles dizem ser o ato ou efeito de cair*

*Mas sei, os atos foram outros*

*Atos partidos de longe, donde nunca deveriam sair*

*Atos dos teus, os meus saíram de mãos e pés atados*

*Com corações apertados*

*Laços apartados*

*E feito histórias, corpos e lembranças caídas lá se sabe em que porto*

*Lá se sabe em que mar*

*Os efeitos foram tramados*

*Tramas de memórias individuais*

*Também dramas de memórias coletivas*

*O que temos para ver de outras perspectivas?*

*De onde vem ancestralidade, herdamos sagacidade*

*Herdamos corporeidade*

*A espiritualidade*

*Reis e rainhas vindos do ontem*

*Nós, os sonhos vivos, presentes no hoje*

*A continuidade sendo, então, levantada a cada amanhã*

*Atos de vergonhas, efeitos de mentiras e memórias de ausências em queda.*

Nesse documento coletivo, depois do poema, também escrevi: *Aqui eu, Luísa, em um ato de liberdade de “Escrever”, ainda inspirada por Conceição Evaristo, mas partindo das quedas da história do meu povo e de nossas memórias ancestrais para, assim, dar voz, corpo e movimento às palavras.*

A Escrivência de Conceição Evaristo, bem como suas obras, se tornaram para mim uma referência de coragem, emancipação e escrita. Além do poema “O que das quedas acreditar”, criado como mestranda do PPGAC/ UFRGS, compus outras escritas movidas e inspiradas nessa narrativa e autora.

“*Olhos de Jabuticaba*”, criado na Oficina de Dramaturgia para Mulheres Negras do espetáculo *A Última Negra* (2021) e publicado no e-book *AS DONAS DA CENA*<sup>6</sup>, foi meu primeiro texto dramático. Na história, Pérola e seu amigo Espelho comemoram e relembram a passagem de um longo e pesado processo de transição capilar, após ela descobrir que se tornou, para uma menininha pretinha, referência de auto amor e poder.

A escrita “Ser mulher preta artista” foi reconstruída para integrar “Performance de si - A produção de nós”<sup>7</sup> (2020). Criado e dirigido por Leandra Oliveira, o projeto oferece ferramentas e referências para artistas pretos e indígenas se sentirem potentes e seguros em performarem sobre sua ancestralidade, memórias, movimentos...

“*Eu falaria para todas Luíças que fui*” foi escrito e declamado no vídeodança “Legado- reconstrução ancestral”<sup>8</sup> (2020). O trabalho coletivo narra memórias, sobretudo aquelas que borraram nossa identidade e pertencimento racial, ressignificadas em palavras e movimentos de amor e representatividade para todas nossas crianças, incluindo àquelas que não são mais, mas que levam consigo traumas da infância.

“Ser mulher preta artista”<sup>9</sup> foi minha primeira escrita inspirada no processo de escrever. Nasceu em uma imersão coletiva da Corpo Negra, e resultou em uma série de escritas, em referência ao 25 de julho-Dia da Mulher Negra Latina Americana e Caribenha.

Conceição Evaristo reflete que, em uma escrevivência, "as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas". Isso se dá em um processo em que a autora se coloca no espaço aberto entre a invenção e o fato, utilizando-se dessa profundidade para construir uma narrativa singular, mas que aponta para uma coletividade. Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas. Evaristo (s/d, em Cruz, 2017), refletindo sobre o

---

<sup>6</sup> [www.projetoimpa.com/aultimanegra](http://www.projetoimpa.com/aultimanegra). acessado em 11/08/2021 às 11:25.

<sup>7</sup> [https://www.instagram.com/tv/CIRPWAhgy-Y/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CIRPWAhgy-Y/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em 11/08//2021 às 11:32.

<sup>8</sup> <https://youtu.be/2awwMfAfUU>. Acesso em 11/08/2021 às 11:34.

<sup>9</sup> [https://www.instagram.com/p/CCzLzymhZSt/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CCzLzymhZSt/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em 11/08/2021 às 11:35.



conceito, considera que "o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si". (SOARES e MACHADO, 2017, p. 206).

Estar a bordo com os meus cadernos de registro tem sido uma viagem inspiradora, com cada vez mais destinos! Neles tenho me dedicado a anotar e sei, também, que posso encontrar ideias, intuições, inspirações e ferramentas que transformam a escrita em ato cênico, onde eu, artista, me apresento, movimento, expresso, dialogo sobre história e cultura negra diaspórica. Os escritos dos meus cadernos evidenciam poéticas e políticas dos movimentos negros e potencialidades; percalços nossos e dos filhos da diáspora.

Venho pensando muito em como compor a escrita do meu trabalho de uma forma que ela proporcione, a mim e a quem a lê, uma experiência sensível e acessível em torno do enredo. Se sabe que o artista pesquisador se relaciona com dúvidas, inseguranças e desafios, que muitas vezes influenciam suas escolhas e caminhos de pesquisa.

Por isso, tecer essa parte do texto me ajudou a construir argumentos que, no que percebo agora, me farão seguir descobrindo motivações, caminhos poéticos e ferramentas de criação que darão corpo à minha escrita e, sobretudo, auxiliarão a compor sua identidade. Encontrar um estilo de escrita permitirá experienciar minha liberdade poética, me sentindo potente e encontrando estima, sobretudo autoestima, no ato da minha escrita.

Assim termino de apresentar essa coreografia de palavras que compõem o "ENSAIO SOBRE MOVIMENTAÇÕES, PERCEPÇÕES E SENTIMENTOS". Posso, assim dizer, que minha experiência no XI Congresso da ABRACE semeou movimentações potentes, percepções importantes e sentimentos positivos na pesquisa, que seguirão reverberando como disparadores de reflexão, compreensão e possibilidades.

## **REFERÊNCIAS CITADAS**

ALCÂNTARA, Celina Nunes de. FALA NEGRA: um trabalho vocal para teatro como ato político. **Repertório**, Salvador, p. 281-295, 2018. Semestral.

ANDRADE, Paulo Sérgio de. **Pertencimento Étnico-Racial e Ensino de História**. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

COOPER, Albright Ann. Caindo na memória. In: ISAACSSOON, Marta (org.). **Tempos de memória: vestígios, ressonâncias e mutações**. Porto Alegre: Age, 2013. p. 50-67.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp & A, 2006. 102 p.

**Indicadores da Qualidade na Educação: Relações Raciais na Escola/Ação Educativa**, Unicef, SEPPPIR, MEC (Denise Carreira e Ana Lúcia Silva Souza)- São Paulo: Ação Educativa, 2013, 1ª edição.

LEGADO: Reconstrução Ancestral. Realização de Coletivo Corpo Negra. Intérpretes: Aline Centeno, Karine Guedes, Luísa Dias Rosa de Oliveira, Luiza Alves, Mariana Amaral, Marianna Duarte, Natália Dorneles. Música: Bigger. Porto Alegre: Aline Centeno, 2020. Son., color. Disponível em: <https://youtu.be/2awwMfIAfUU>. Acesso em: 11 ago. 2021.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **OBSTÁCULOS IDEOLÓGICOS À DINÂMICA DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO**. **Faeeba**, Salvador, v. 10, n. 10, p. 151-166, 1998.

OLIVEIRA, Luísa Dias Rosa de. Olhos de jabuticaba. In: VITÓRIA, Hayline; BERTOLDI, Pedro (org.). **As donas da cena**. Porto Alegre: A Última Negra, 2021. p. 1-70. Disponível em: <https://www.projetogompa.com/aultimanegra>. Acesso em: 11 ago. 2021.

OLIVEIRA, Luísa Dias Rosa de. **PERFORMANCE DE SI**: por luísa dias rosa de oliveira. Canoas, 1 dez. 2020. Direção Leandra Oliveira. Instagram: @performance\_de\_si\_. Disponível em: [https://www.instagram.com/tv/CIRPWAhgy-Y/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CIRPWAhgy-Y/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 11 ago. 2021.

OLIVEIRA, Luísa Dias Rosa de. **Ser mulher preta artista**. Porto Alegre, 2021. Instagram: @coletivocorponegra. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CCzLzymhZSt/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CCzLzymhZSt/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 11 ago. 2021.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretatogia**: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral contribuições do legado africano para a implementação da Lei N°. 10.639/03. Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará - Eduece, 2015.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**, [S. L.], v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017.